EDUCAÇÃO ENQUANTO SABEDORIA DE VIDA PARA TODOS E TODAS: DIMENSÃO SOCIOPOLÍTICA

EDUCATION AS WISDOM ON LIFE FOR EVERYONE: SOCIO-POLITICAL DIMENSION

LA EDUCACIÓN COMO SABIDURÍA DE VIDA PARA TODOS: DIMENSIÓN SOCIOPOLÍTICA

Gabrieli Schaffer[1]
Claudionei Vicente Cassol[2]

RESUMO
A educação enquanto campo de pesquisa e ação permanente, opera no sentido do acompanhamento intelectual, cognitivo e afetivo do desempenho dos/as alunos/as e dos reflexos nos seus futuros. Uma educação de qualidade científica e humanista para todos e todas, com o intuito de formar cidadãos e cidadãs críticos, ativos, participativos, está além da mera preparação para avaliações formais; é uma educação que inquieta, faz pensar e planejar novos modos de aprender e ensinar. Por que pensar em uma educação de formação integral para todos e todas? Que relevância tem para a formação dos indivíduos? A temática da educação para todos e todas, o acesso universalizado a ela, a permanência, a construção e conquista do conhecimento, são problemas que perpassam diferentes momentos históricos no Brasil. Esse texto tem o objetivo de debater a procrastinação no enfrentamento a situações históricas de descaso com o campo educacional e pedagógico e dialoga com diferentes autores/as, como Arroyo (2014), Paulo Freire (2021 e 2022), Morin (2015) e Savater (2012), assumindo uma perspectiva hermenêutico-crítica de cunho bibliográfico.
PALAVRAS-CHAVE: educação para todos e todas; ética; educação integral; biosofia.

ABSTRACT
Education as a field of research and permanent action, operates in the sense of intellectual, cognitive and affective monitoring of the performance of students and the reflections on their future. An education of scientific and humanist quality for all, with the aim of forming critical, active, participatory citizens, goes beyond mere preparation for formal assessments; it is an education that is restless, makes you think and plan new ways of learning and teaching. Why think of a comprehensive training education for everyone? What relevance does it have for the formation of individuals? The theme of education for all, universal access to it, permanence, construction and conquest of knowledge, are problems that pervade different historical moments in Brazil. This text aims to discuss procrastination in facing historical situations of neglect with the educational and pedagogical field and dialogues with different authors, such as Arroyo (2014), Paulo Freire (2021 and 2022), Morin (2015) and Savater (2012), assuming a hermeneutic-critical perspective of a bibliographic nature.
KEYWORDS: education for all; ethic; comprehensive education; biosophy.

[1] Mestranda em Educação URI-FW, bolsista CAPES. Licenciatura em Pedagogia URI-FW. Pós-graduação em Educação Especial Inclusiva e Docência no Ensino Superior UNIASSELVI. Professora da rede municipal de Três Passos. Integrante do Grupo Biosofia (Pesquisas e Estudos em Filosofia), URI-Frederico Westphalen.
[2] Doutor em Educação nas Ciências – PPGEC – Unijuí (Bolsa PROSUC/CAPES). Professor na URI – Frederico Westphalen-RS e no CEEDO – Cerro Grande-RS. Integrante do Grupo Biosofia (Pesquisas e Estudos em Filosofia), URI-Frederico Westphalen, Integrante do NEPPES (Núcleo de Estudos e Pesquisas em Políticas e Processos de Educação Superior), Integrante da RICET (Rede Internacional de Cidades que Educam e Transformam) e integrante da Redyala (Rede Latino Americana de Diálogos Decoloniais e Interculturais).

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 24, n. 3, p. 17-35, set./dez. 2023.
Recebido em: 02/07/2023 | Aceito em: 10/10/2023

RESUMEN
La educación como campo de investigación y acción permanente, opera en el sentido de seguimiento intelectual, cognitivo y afectivo del desempeño de los estudiantes y de las reflexiones sobre su futuro. Una educación de calidad científica y humanista para todos, con el objetivo de formar ciudadanos críticos, activos, participativos, va más allá de la mera preparación para evaluaciones formales; es una educación inquieta, que te hace pensar y planificar nuevas formas de aprender y enseñar. ¿Por qué pensar en una educación formativa integral para todos? ¿Qué relevancia tiene para la formación de las personas? El tema de la educación para todos, el acceso universal a ella, la permanencia, la construcción y la conquista del conocimiento, son problemas que impregnan diferentes momentos históricos en Brasil. Este texto tiene como objetivo discutir la procrastinación en el enfrentamiento de situaciones históricas de abandono con el campo educativo y pedagógico y dialoga con diferentes autores, como Arroyo (2014), Paulo Freire (2021 y 2022), Morin (2015) y Savater (2012), asumiendo una perspectiva hermenéutica-crítica de carácter bibliográfico.
PALABRAS CLAVE: educación para todos; principio moral; educación integral; biosofía.

INTRODUÇÃO

A educação enquanto campo de pesquisa constante, opera no sentido do acompanhamento intelectual, cognitivo e afetivo do desempenho dos/as alunos/as e dos reflexos nos seus futuros. Uma educação de qualidade humanista e científica, de ação integral, para todos e todas, com o intuito de formar cidadãos e cidadãs críticos, ativos, participativos, não dialoga com apressamentos e formalismos. Mas se coloca no horizonte da ação que inquieta, que faz pensar e planeja novos modos de aprender e ensinar. Essa educação tem o objetivo de formar estudantes de modo integral, ao proporcionar situações de aprendizagem que estimulem o desenvolvimento humano em todas as suas dimensões. Que a formação atue na compreensão, na relevância e importância que a educação tem na vida dos/das estudantes. Este estudo propõe a investigação da relação entre a educação para todos e todas e aquilo que consideramos ser *biosofia*, uma vida com sabedoria, preocupada com as manifestações das diferentes formas de vida e a sua relação com o cosmos em perspectiva *omnilateral*, ou seja, que envolva as dimensões dos indivíduos em amplitude e profundidade, ciente das relações complexas que envolvem os seres humanos e suas relações e que, também são, por esses mesmos humanos, criadas.

Esse estudo objetiva debater ações na superação das situações históricas de descaso com a educação a fim de subsidiar uma formação para a vida escolar e além dela. Portanto, utilizamos uma metodologia de investigação bibliográfica e qualitativa, direcionada à articulação entre diferentes pensadores/as, filósofos/as e estudiosos/as da educação. Ao estudar a relação estabelecida entre as duas temáticas, educação para todos e todas e *biosofia*, dialogamos com diferentes autores/as, como Arroyo (2014),

Paulo Freire (2021 e 2022), Morin (2015) e Savater (2012), com o intuito de compreender possibilidades de pensar e conceituar uma educação que valorize os conhecimentos científicos e também os conhecimentos construídos a partir de experiências e vivências cotidianas/sociais.

Nessa perspectiva, o estudo é desenvolvido, inicialmente, com conceituações sobre uma educação que possa subsidiar a formação de cidadãos/cidadãs éticos/éticas. Com o aporte teórico, contextualizamos a realidade educacional dos tempos que compartilhamos e suas aproximações com o modelo de formação da sociedade brasileira e suas influências neo/ultraliberais. Apresentamos também a influência de professores/professoras e alunos/alunas no processo de ensino e aprendizagem, ao passo que buscamos compreender as relações que estabelecem entre si e com o meio onde vivem e desde esse lugar, promover educação e compreender que as relações já são educativas pelo modo acontecem. Essas relações estabelecidas impactam diretamente a formação dos/as estudantes. Então teorizamos o que parece para nós, ser importante em uma formação integral: a preparação para a vida em sociedade, uma vida sábia, que valorize o pensar, o raciocinar e intervir no meio social com a perspectiva de melhorar as condições de vida de todos e todas.

Em seguida, dissertamos sobre o impacto e a importância de um conhecimento que possa emancipar os/as estudantes, uma formação direcionada para além de avaliações formais, que resgate o sentido do cuidado e o respeito com as diferentes vidas do cosmos. Uma vida ativa, crítica, reflexiva, em busca do bem comum, da solidariedade e emancipação que passa pelo conhecimento, pela ciência. Logo após, propomos, na continuidade do debate, ao compreender que não se finda, um compromisso contínuo e que acompanha as diferentes realidades educacionais com suas especificidades na direção de promover o desenvolvimento humano em todas as suas dimensões.

BIOSOFIA COMO UMA EDUCAÇÃO PREOCUPADA COM A VIDA

Pensar e desenvolver uma educação que seja para todos e todas, implica "conseguir, através dela, melhor qualidade de vida e maior dignidade da humanidade como um todo, preservando a diversidade, mas eliminando a desigualdade discriminatória, assim dando origem a uma nova organização da sociedade"

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 24, n. 3, p. 17-35, set./dez. 2023.
Recebido em: 02/07/2023 | Aceito em: 10/10/2023

(D'Ambrosio, 2001, p. 02). A temática do acesso universalizado à educação para todos e todas, é palco de diversos debates e estudos, mas ainda encontra dificuldades em sua execução. Nesse viés, Paulo Freire (2021, p. 16) em sua obra *Pedagogia da Autonomia*, propõe que "[...] formar é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho de destrezas [...]". Proporcionar uma educação de qualidade humanista e científica com equidade para todos e todas apresenta-se como uma necessidade fundamental porque, se o objetivo da educação é a formação de cidadãos e cidadãs em perspectiva ética, devem ter condições, clareza, perspectivas para que possam agir ativamente em busca de melhorias sociais, ambientais, educacionais, pessoais e da coletividade.

Ao operar na direção de contribuir com formar cidadãos éticos e cidadãs éticas, os professores e as professoras não podem esquecer da sua responsabilidade em manter e agir com postura ética. Os/As alunos/alunas observam as suas ações, comparando-as com as suas palavras, portanto é necessário que ambas estejam em sintonia, possibilitando que "percebam o respeito e a lealdade com que um professor analisa e critica as posturas dos outros" (Freire, 2021, p. 18).

A educação brasileira, historicamente, tem se direcionado ao desenvolvimento de propostas pedagógicas que direcionam os alunos/alunas a se adaptar à realidade social em que vivem, criando a ilusão de que nada pode ser feito para que seja alterada. Essa concepção aproxima-se das reflexões de Miguel Arroyo, em sua obra *Outros sujeitos. Outras pedagogias*, na qual efetua uma crítica à adaptação proposta pelo sistema educacional que parece indicar que *Outros Sujeitos*, "são os coletivos sociais, de gênero, etnia, raça, camponeses, quilombolas, trabalhadores empobrecidos que se afirmam sujeitos de direitos. [...] São seus filhos e suas filhas que se fazem presentes nas escolas públicas e que exigem o acesso às universidades" (Arroyo, 2014, p. 9). Essa lógica supera o espírito raso de somente realizar um "treino técnico" para adaptar os indivíduos às necessidades de sobrevivência, sentido presente no pensamento crítico de Freire, 2021. Para Arroyo (2014), as práticas e concepções da educação, são pensadas para que estes indivíduos, que o sistema não os vê como segregados, excluídos, marginalizados, empobrecidos, sejam civilizados, educados. Essa concepção hegemônica que invisibiliza as pessoas, os indivíduos, intencional para o sistema que prolonga os domínios, condiciona a formação porque é pensada na lógica do padrão do saber/poder que reproduz indivíduos subalternizados. Esses coletivos segregados, desde

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 24, n. 3, p. 17-35, set./dez. 2023.
Recebido em: 02/07/2023 | Aceito em: 10/10/2023

a "[...] colonização vêm sendo submetidos a relações desiguais de poder/saber/dominação, [...] foram submetidos à destruição de seus modos de pensar, de pensar-se, de destruição de suas culturas, identidades, memórias" e além disso, "não foram reconhecidos produtores da história da produção intelectual e cultural" (Arroyo, 2014, p. 13).

Nessa perspectiva Freire (2021, p. 24) pontua a importância de repensar a educação que está em desenvolvimento no Brasil, pois "[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção". Ao considerar a proposição de Freire, observamos que se direciona à emancipação dos alunos/alunas num trabalho pedagógico que objetiva deixar de serem passivos no processo de ensino e aprendizagem para se tornarem sujeitos ativos, com condições de pensar, analisar e interpretar informações que surgem tanto no ambiente escolar quanto em sua realidade. Desse modo parece que se desenvolvem possibilidades na formação que ativem a reflexão e o diálogo com seus pares e, por consequência, tenha condições de construir novos conceitos/ideias/concepções que signifiquem no mundo da ciência, da política, da cultura e da própria vida pessoal. Arroyo aproxima-se de Freire ao considerar a importância de pensar e contribuir na emancipação desses *Outros Sujeitos*, os oprimidos, e a reconhecer "como das vivências da opressão tiram saberes, aprendizados do mundo, dos padrões de dominação que os oprimem" (2014, p. 13) para construir libertação, emancipação e autonomia.

Repensar os conceitos de educação, implica reconhecer que o campo da educação é uma via de mão dupla: professores/professoras e alunos/alunas educam-se mutuamente nas relações, experiências e diálogos realizados no ambiente escolar, pois "quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém" (Freire, 2021, p. 25). Nas concepções pedagógicas existe a dicotomia pedagógica sobre o lado de cá e o lado de lá, ensina Arroyo. O autor considera que estão "do lado de cá os cultos, civilizados, racionais, éticos, produtores de verdades; do lado de lá os incultos, ignorantes, irracionais, primitivos, inconscientes". Salienta que "no lado de cá existem saberes, ciências, verdades; do lado de lá inexistem ou é o reino do falso, das crendices" (2014, p. 17), do barbarismo.

DESAFIOS NAS RELAÇÕES ENTRE PROFESSORES/PROFESSORAS E ALUNOS/ALUNAS: EDUCAÇÃO É COMPROMISSO QUE IMPLICA VIDA

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 24, n. 3, p. 17-35, set./dez. 2023.
Recebido em: 02/07/2023 | Aceito em: 10/10/2023

Na sua prática docente, os professores/as professoras não podem negar a importância de desenvolver a criticidade dos alunos/alunas. Para isso é preciso que cada um e cada uma possa participar ativamente das propostas realizadas, do trabalho desenvolvido em conjunto, do ambiente organizado de modo que cada um/uma esteja ao lado do/a outro/a, para proporcionar uma maior conexão e melhora também das relações. A educação é o caminho para, muito além do ensino de conteúdos científicos, a possibilidade que professores e professoras têm de ensinar a pensar certo e, também, a pensarem esse certo. E o que é esse certo? Há indivíduos com direitos, com dignidade; há vida do outro lado e é para lá que as políticas públicas, o Estado e a ação educacional precisam voltar seus olhares, suas construções, seus debates e seus investimentos.

Nesse sentido, Arroyo compreende a metodologia de Paulo Freire e salienta que ele não criava metodologias para educar adultos e oprimidos, "mas reeducar a sensibilidade pedagógica para captar os oprimidos como sujeitos de sua educação, de construção de saberes, conhecimentos, valores e culturas" (Arroyo, 2014, p. 27). Arroyo compreende a metodologia de Freire a partir da concepção dos indivíduos sobre a vida, o mundo e apresenta algumas características marcantes dessa forma de educar que "não propõe como educar, mas como se educam; nem como ensinar-lhes, mas como aprendem; nem como socializá-los, mas como se socializam, como se afirmam e se formam como sujeitos sociais, culturais, cognitivos, éticos, políticos que são" (Arroyo, 2014, p. 27). Essa compreensão freireana, a partir de Arroyo, é desenvolvida "estando atento a suas presenças e a seus movimentos sociais e culturais, a suas práticas de liberdade e de recuperação da humanidade roubada" (Arroyo, 2014, p. 27), ela conecta-se com o *Ensinar a viver*, de Edgar Morin, propondo o diálogo entre a educação e a formação para a vida, compreendendo que

> Viver é viver como indivíduo, enfrentando os problemas de sua vida pessoal, é viver como cidadão de sua nação, é viver também em seu pertencimento ao gênero humano. Certamente, ler, escrever, calcular são coisas necessárias ao viver [...]. Cada vez mais, porém, falta a possibilidade de enfrentar os problemas fundamentais e globais do indivíduo, do cidadão, do ser humano. (Morin, 2015, p. 15-16).

Ao dialogar com aos alunos/alunas, o/a professor/professora assume a sua postura como um ser humano incompleto, que também comete erros, enfrenta dificuldades e está em constante evolução e, desse modo, apresenta uma das

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 24, n. 3, p. 17-35, set./dez. 2023.
Recebido em: 02/07/2023 | Aceito em: 10/10/2023

características mais bonitas da oportunidade que possui em estar e viver no mundo e com o mundo: ser sujeitos históricos que possuem a competência de conhecer o mundo a partir da disponibilidade de intervir nele. O primeiro passo para desenvolver essa compreensão, parece surgir do momento em que professores e professoras comunicam que também falham, que não possuem todo o conhecimento sobre todos os assuntos, nem sempre pensam certo, mas que ao possuir essa consciência têm a capacidade de analisar suas ações e agir de maneira diferente para corrigir as falhas cometidas (Freire, 2021). Além dessa consciência, Morin (2015), ao dialogar com a compreensão de Freire, ressalta a importância de construir com os/as alunos/alunas e os/as próprios/as docentes, a concepção de que o ser humano erra em muitos momentos, mas a partir do erro tem a possibilidade de refletir e buscar mudanças a serem feitas superar e seguir em frente.

As propostas de formação a serem desenvolvidas e estarem alinhadas com os conhecimentos que já existem e, ao mesmo tempo, demonstrarem a intencionalidade da produção, da construção do que ainda não existe, possibilitam aos alunos/às alunas a compreensão de como foram construídos os conhecimentos que estão disponíveis para quem quiser aprender e como se dá a construção de novos saberes (Freire, 2021). Isso evidencia a estrutura hegemônica da sociedade e dos controles políticos, sociais e econômicos, bem como, das políticas públicas. Morin destaca que no processo de ensino e aprendizagem, os/as alunos/alunas podem refletir sobre as mudanças constantes que ocorrem em diversos campos da sociedade, principalmente na ciência, na ação e reflexão realizada em busca de novas informações que venham a constituir-se em novos conhecimentos.

Esse movimento constante de aprendizagem, investigação e produção proporciona o desenvolvimento da compreensão de que todos e todas podem construir novos saberes a se aprimorar/modificar. As reflexões e práticas originadas neste sentido, possibilitam aos alunos e alunas, o contato com a pesquisa, o "mundo da ciência", e a compreender como os/as estudiosos/as trabalham e que pesquisas e ensino se desenvolvem, simultaneamente, numa relação de superação. Os professores e as professoras, estão em constante movimento de construção de novos saberes, pois "enquanto ensino continuo buscando, [...]. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho,

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 24, n. 3, p. 17-35, set./dez. 2023.
Recebido em: 02/07/2023 | Aceito em: 10/10/2023

intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade" (Freire, 2021, p. 30-1).

A busca constante pelo conhecimento realizada pelos professores e professoras pode apresentar aos alunos e alunas, diferentes metodologias e possibilidades para a construção do conhecimento, de acordo com Morin (2015, p. 24). Esse pensador, desde a sociologia e a filosofia, propõe

> [...] não uma receita, mas os meios de despertar e incitar as mentes a lutarem contra o erro, a ilusão, a parcialidade, principalmente, os meios típicos de nossa época de errância, de dinamismos incontrolados e acelerados, de caráter obscuro do futuro, dos erros e ilusões que na crise atual da humanidade e das sociedades são perigosos e talvez mortais.

Quando dissertamos sobre o pensar certo do professor/professora, nos referimos também à importância do respeito existente ao conhecimento que advém do senso comum, compartilhado pelos alunos/alunas no ambiente escolar. Além disso, consideramos que implica respeitar o estímulo realizado para aprimorar a criatividade. Parece interessante, instigante e desafiador para ambos, docentes e discentes, considerar as experiências que os alunos/alunas trazem consigo, de suas realidades sociais e culturais, como por exemplo, dialogar, analisar e refletir sobre temáticas que estão presentes no seu cotidiano. No processo de formação, podem, então, ser abordadas questões relacionadas ao cuidado com o meio ambiente, o impacto que o descaso causa no bem-estar dos cidadãos e das cidadãs das áreas, território, que estão do lado de lá, ainda em exclusão, sem ter a consideração, a preocupação, o cuidado do Estado e dos governo, dos riscos que as situações oferecem à saúde, à vida.

Freire argumenta sabiamente sobre a recusa de alguns professores/professoras em abordar temáticas que estejam relacionadas às realidades de seus/suas alunos/alunas. O argumento apresentado é de que "[...] a escola não tem nada que ver com isso. A escola não é partido. Ela tem que ensinar os conteúdos, transferi-los aos alunos. Aprendidos, estes operam por si mesmos." (Freire, 2021, p. 32). Superar essa visão de educação parece se efetivar após a aceitação e desenvolvimento da curiosidade crítica, essa que surge na superação da curiosidade ingênua que se acomoda e não constrói finalidade de desenvolvimento, de mudanças, de ideias, conceitos e aprendizagens. É a partir dela, a curiosidade, a criação, que o professor/professora desenvolve e direciona seus alunos/alunas para uma compreensão mais ampla da ciência, do conhecimento, da

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 24, n. 3, p. 17-35, set./dez. 2023.
Recebido em: 02/07/2023 | Aceito em: 10/10/2023

condição humana, direcionando-a para as questões de aprendizagem, desvelando novas descobertas.

Entende-se, assim, segundo Freire (2021), que a curiosidade vai mudando a qualidade da educação, mas permanece com a sua essência, pois é ela que está presente nos trabalhos de filósofos/as e cientistas, que desvelaram a curiosidade inicialmente ingênua, para tornarem-na epistemológica. A formação não permite pensar afastado das questões éticas, direcionada somente ao recebimento de conhecimentos científicos. Está diretamente vinculada à formação moral e ética, a ensinar para a vida escolar e fora dela, a incentivar a pesquisa, a busca constante pelo conhecimento; ser pesquisadores/as, curiosos, empenhados/as em mudar a realidade social. Para auxiliar o aluno/aluna a desenvolver essas concepções, o professor/professora precisa manter ativos nele/a mesmo/a as perspectivas da criação, da crítica, da reflexão, da leitura, pois para ensinar a pensar certo, é necessário pensar e fazer certo.

Os/As alunos/alunas aprendem mais pelo exemplo do que por palavras e frases bonitas, retóricas e gramáticas já desgastadas. Esse é um modo de assumir a disponibilidade ao risco, ao erro, à aceitação. Novas ideias/concepções não podem ser aceitas por somente serem novas, ou velhas concepções deixadas de lado por serem velhas, é necessário olhar criticamente as situações impostas e a partir delas buscar as respostas.

Ao adotar uma postura crítica, o professor/a professora pode melhorar as práticas que desenvolve, propor vivências em que os alunos/alunas na relação que estabelecem com os/as colegas e com o professor/a professora possam assumir-se como seres históricos, pensantes, sociais, criadores/as, que lutam para realizar seus sonhos e nessa luta, descobrem que há um coletivo que precisa, também, caminhar na direção da realização, do bem viver, da justiça social, da dignidade humana com a aplicação dos direitos básicos e fundamentais para todos e para todas. Ao assumir-se como ser humano incompleto, mas permanentemente mutável, os indivíduos podem apreciar o viver e a importância de buscar melhorá-lo cada vez mais, para si mesmo, para seus pares e aqueles/as que ainda virão a fazer parte do mundo. O professor/A professora passa a "saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção" (Freire, 2021, p. 47).

Ao entrar em uma sala de aula, em uma escola, o professor/a professora se depara com alunos/alunas heterogêneos, que trazem consigo suas diferenças e

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 24, n. 3, p. 17-35, set./dez. 2023.
Recebido em: 02/07/2023 | Aceito em: 10/10/2023

necessidades mais urgentes, suas identidades e subjetividades. Estar disposto a ouvir, ser questionado/a e também instigar, tornar crítico o raciocínio de quem ali se encontra, realiza e constrói o conhecimento, é atitude pedagógica formadora que opera no sentido de desenvolve uma educação que seja sabedoria de vida para todos e todas e tenha consciência da dimensão sociopolítica da vida e que o bem viver seja direito de todos e todas e efetividade na existência dos indivíduos.

Ao adotar metodologias que permitem ao aluno/aluna a permanente ação de participar, pensar, analisar e manter a curiosidade aguçada, a perspectiva da educação para todos e para todas e o cuidado ético da *biosofia*, enquanto vida com sabedoria, abre a perspectiva da formação de cidadãos e cidadãs com capacidade para intervir nas realidades, nas vivências, nas compreensões e no mundo, pelo qual também, cada docente, juntamente com pais, mães, comunidade, instituições, organizações, governos e o Estado, são responsáveis. Ao desenvolver a consciência de que possui o direito e o dever de decidir, lutar e optar, os indivíduos sabem também que as situações podem piorar; mas que também podem intervir tornar possível algo novo. Entender que estar no mundo não é se adaptar a ele, ao que está posto, mas se inserir, lutar por mudanças necessárias para que outros e outras que estão nas mesmas condições ou semelhantes, possam participar, *pró-vocar* a se tornarem sujeitos da história.

EDUCAÇÃO PARA TODOS E TODAS: PARA ALÉM DO DIREITO, O CONHECIMENTO QUE EMANCIPA

Para atingir os objetivos educacionais é imprescindível que existam condições adequadas no espaço pedagógico, com os aspectos estéticos, higiênicos e espaciais preservados. O descaso e desrespeito com esse espaço ofende professores/professoras, alunos/alunas e o processo de ensino e aprendizagem, pois "a verdadeira educação consiste não só em ensinar a pensar como também em aprender a *pensar sobre o que se pensa* [...]" (Savater, 2012, p. 33, destaque do autor). Nessa chave de compreensão, a esperança é o combustível para continuar a crer em uma educação que esteja mobilizada em formar para além dos conteúdos escolares. Acreditar que professor/professora, aluno/aluna, aprendem juntos/as e juntos/as perpassam os obstáculos encontrados durante os percursos da existência. Afirmar posição como sujeitos da história, é saber que o futuro é uma possibilidade/oportunidade e não está determinado; estamos em

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 24, n. 3, p. 17-35, set./dez. 2023.
Recebido em: 02/07/2023 | Aceito em: 10/10/2023

constante evolução. Não somos; estamos sendo e assim escrevemos a história ao viver e ao contá-la, pois "ninguém é sujeito na solidão e no isolamento, sempre se é sujeito *entre* outros sujeitos [...]" (Savater, 2012, p. 35, destaque do autor).

Ao compreender que é possível intervir na realidade, adaptar-se não é uma opção. Nenhuma mudança é fácil, mas é possível. Partindo dessas concepções o desafio da mudança é lançado para os grupos populares para que juntos possam perceber as injustiças que sofrem, a violência que os submete, os exclui e marginaliza, e compreender que esse não é o seu destino ou algo que está escrito, determinado. A realidade é passível de transformação e compreender essa dinâmica é sabedoria de vida que se abre pela possibilidade de educação para todos e todas. Parece interessante pensar, nessa direção, nas relações estabelecidas, nas trocas realizadas através da comunicação, verbal ou não-verbal, em análises de como o outro/a outra recebe a informação, como está sendo comunicado/a, como participa e é acolhido/a nas instâncias de decisão. De algum modo, essa temática também levanta questões sobre empatia e respeito com o/a outro/outra. Ser empático apresenta-se como um aspecto importante para viver em sociedade (Morin, 2015) e esse espírito ativa a solidariedade e o reconhecimento da pluralidade, da diferença, enquanto direitos inalienáveis.

Essas ações parecem exigir dos/das docentes, a sensibilidade nas concepções que seus alunos/alunas trazem das suas realidades social e cultural e, partindo delas, estimulem uma nova forma de pensar, superando pré-conceitos estabelecidos, compreendendo o contexto de outra maneira, pois como nos diz Freire (2021, p. 82) "[...] onde quer que haja mulheres e homens há sempre o que fazer, há sempre o que ensinar, há sempre o que aprender". Segundo Savater (2012, p. 40), "[...] a primeira coisa para educar os outros é ter vivido *antes* deles, isto é, não o simples ter vivido em geral – é possível e frequente um jovem ensinar coisas a alguém de mais idade – mas, ter vivido antes o conhecimento que se deseja transmitir". Educamos uns/umas aos/às outros/as em diferentes lugares, com diferentes saberes. Essa pluralidade humana, nossas diferenças e identidades, possibilitam o desenvolvimento humano, a busca constante pelo crescimento, pela criação e autocriação. Essa possibilidade de aprender em diferentes lugares, permite que todos/as nós, em algum momento, possamos ser professores/as de algo para alguém (Savater, 2012).

Ao pensar na instituição escolar, compreende-se a sua importância ao considerar que "o fato de qualquer um ser capaz de ensinar alguma coisa [...] não quer dizer que

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 24, n. 3, p. 17-35, set./dez. 2023.
Recebido em: 02/07/2023 | Aceito em: 10/10/2023

qualquer um seja capaz de ensinar qualquer coisa". A formação reflexiva, crítica, humanista e científica surge "quando o que é preciso ensinar de um saber científico, não é meramente empírico e tradicional, como a matemática superior, a astronomia ou a gramática" (Savater, 2012, p. 43, destaque do autor). Mas os aprendizados científicos, escolares, são mais importantes ou válidos que os empíricos? Em busca de respostas a essa indagação, encontramos em Savater (2012, p. 43) o que pode ser o princípio da valorização de cada um dos saberes, segundo ele, "nem tudo pode ser aprendido em casa ou na rua, [...], mas tampouco Oxford e Salamanca têm efeitos mágicos radicalmente diferentes daqueles da menina que, no parque, ensina outra a pular corda".

Paulo Freire (2021, p. 92) ensina que "me movo como educador porque, primeiro, me movo como gente", e isso implica ir além do ensino de conteúdos pré-estabelecidos, considera abranger as questões postas pelos alunos/alunas, conhecer as suas realidades e demandas que brotam das suas realidades socioculturais. Além disso, para conseguir auxiliar os alunos/alunas a superar as suas limitações, os/as professores/professoras superam frequentemente as suas. As inquietações citadas, remetem a reflexões da prática educativa, à importância de reconhecê-la e lutar para que seja de qualidade e respeitada. Na relação entre professor/professora e alunos/alunas, a empatia e a solidariedade existente entre todos no espaço escolar, possibilitam diversas oportunidades de aprendizagem de maneira democrática no ambiente escolar.

Ao pensar em uma educação e formação dos/as alunos/alunas baseada na solidariedade e empatia, encontramos a demanda social de profissionais capacitados para trabalhar com pessoas, sabendo comunicar-se, dialogar, cultivar a ética e o respeito às diferenças. No atual cenário educacional é possível perceber, no entanto, o "[...] desaparecimento, nos programas de estudo, das humanidades, substituídas por especialidades técnicas que mutilarão as gerações futuras da visão histórica, literária e filosófica imprescindível para o desenvolvimento completo da plena humanidade, tal como hoje a entendemos [...]" (Savater, 2012, p. 108).

A educação, porém, é um consistente caminho para superar a dominação e emancipar os indivíduos que a ela se voltam a partir da formação crítica, de cidadãos e cidadãs que buscam saber para além dos processos já consolidados e das práticas e compreensões naturalizadas. Pois, pensar a educação desvinculada do meio sociocultural e econômico é afirmar que "os conhecimentos escolares são literalmente 'coisas da escola' e a cidade não entra na escola, nem a escola entra na cidade. Da

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 24, n. 3, p. 17-35, set./dez. 2023.
Recebido em: 02/07/2023 | Aceito em: 10/10/2023

mesma forma as ‘coisas da universidade’ permanecem sendo ‘pensamento dos iluminados’” (Frabris *et al.*, 2021, p. 64). Para intervir é importante saber decidir e essa tomada de decisão só é aprendida na prática, compreendendo que todas possuem consequências e são passíveis de erros. Tomar decisões possibilita o desenvolvimento da autonomia, do amadurecimento e expressa a construção da sabedoria para a vida, a compreensão de mundo que se encontra na base das escolhas, das decisões. Cada pessoa é sujeito de sua autonomia e ninguém amadurece de um dia para o outro; é um processo contínuo que precisa de mediação. Nessa necessidade, ressurge com potência o papel da escola, da formação, da educação, do ensino. E, nessa lógica de que nos formamos nas relações, o Estado, as políticas públicas e as ações dos governos nas instâncias de poder e nas dimensões de ação, tem o compromisso com a coletividade, com a cidadania.

A educação, e essa é também uma compreensão de Morin (2015), é o caminho pelo qual podem ser desenvolvidas propostas que aprimoram a responsabilidade e a capacidade de decidir, de respeitar e valorizar a liberdade, de modificar a visão pré-estabelecida pela vida adulta. Especialmente, transpor compreensões que, pela tradição, têm estimulado as crianças a pensar e escolher uma profissão que renda financeiramente, que produza *status*, porque o objetivo último é a aquisição de bens materiais. Essas preocupações consumistas, ingênuas, reveladoras de subalternidade, subserviência – sementes de dominação e expressão de oclusão mental – ocupam o lugar das vivências simples do dia a dia, das proximidades, das convivências, dos diálogos, com a ilusão de que a felicidade depende dos bens materiais adquiridos, da profissão exercida, dos cargos profissionais alcançados, como alhures ensina Zygmunt Bauman, quando a felicidade está, muito mais, no caminho, no desenvolver das atividades diárias porque, compreendemos, que ela, a felicidade, faz parte da trajetória e não é um ponto de chegada. Essa formação voltada às questões financeiras, de consumismo, é reflexo de uma sociedade que prioriza o individualismo, de acordo com Morin.

A solidariedade é deixada de lado, para que o dinheiro, a ilusão do consumir em massa, que as posses, sejam o ponto central e a educação acaba direcionada para a ampliação da competitividade e na lógica do lucro. Nessa chave, quem aprende mais e de forma mais rápida, tem chances maiores de chegar ao pódio da vida. Portanto, é fulcral que escolas adotem práticas coletivas que levem aos sujeitos experiências que promovam o encontro para que se descubram formas de vida guiadas por uma ética da

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 24, n. 3, p. 17-35, set./dez. 2023.
Recebido em: 02/07/2023 | Aceito em: 10/10/2023

alteridade, da solidariedade, do cuidado e não da competitividade entre pessoas. (Rigo; Luft; Weyh, 2021, p. 29).

Mas, por onde começar algumas possibilidades de mudanças? Talvez a peça-chave seja saber escutar. O professor/A professora que escuta, compreende que às vezes, o discurso que tem com seus alunos/alunas, uma fala, um afago, um diálogo, um acolhimento, as dúvidas que carregam, pode ser ponto inicial ou auxiliar na formação integral, na formação para a vida. Ignorar a formação integral, reduzindo-a a um mero treino, fortalece ações autoritárias que implicam falar *para* e não *com*. Nesse ponto há uma sabedoria, também, mas que privilegia a violência, a imposição e prolifera os fundamentalismos. A sabedoria que acreditamos, faz um movimento de olhar sempre e mais profundamente os indivíduos nas suas necessidades, nas suas demandas, nas suas fraquezas e contribuir a partir de tais pontos.

É importante que professores/professoras falem com clareza e envolvam os alunos/a alunas a construir a sua compreensão da temática abordada, ao invés de receber as informações prontas, como mero repasse, e se acomodar diante das interpretações já estabelecidas, das verdades já produzidas. Portanto

> [...] é preciso que o professor os instigue a narrar, registrar, expressar, traduzir nas linguagens os conhecimentos/saberes que os fazem pensar a si, ao outro e à cidade, a cuidar do humano e do espaço que nele vive. A esse processo chamamos de *ethos* formativo, no qual o aluno se constitui como sujeito na relação com o outro, no espaço da escola, do bairro, da cidade e do planeta (Frabris *et al.*, 2021, p. 62).

Assim, é possível compreender que ensinar vai muito além de imediatamente transferir conhecimento para alguém. Aprender está muito distante de simplesmente memorizar o conteúdo transferido de maneira vertical. De tal modo "o *ethos* formativo democrático, aqui proposto, envolve a cidade/comunidade, a escola, a universidade no sentido de pertencimento, engajamento, para um habitar o comum, mas sem homogeneizar em um único modo de ser e viver" e esse "*ethos* formativo democrático, para uma cidade aberta, envolve o desafio redobrado da inclusão das diferenças, expresso nos múltiplos modos de ser e viver a experiência de habitar a cidade/comunidade". (Frabris *et al.*, 2021, p. 62).

As considerações postas nesse texto, assemelham-se ao que Paulo Freire (2022, p. 43) disserta em sua obra *Pedagogia do Oprimido*, considerando a formação como "aquela que tem de ser forjada com ele e não para ele, enquanto homens ou povos, na

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 24, n. 3, p. 17-35, set./dez. 2023.
Recebido em: 02/07/2023 | Aceito em: 10/10/2023

luta incessante de recuperação de sua humanidade". Ainda de acordo com Freire, a pedagogia que se desenvolve com a clareza do lugar, da condição e da perspectiva de libertação, tem o objetivo de usar a opressão e as suas causas como ponto de reflexão daqueles/as que são oprimidos/as, para engajá-los/as no constante movimentos de busca para libertar-se, desenvolver sua autonomia. Os indivíduos ao se reconhecerem como hospedeiros, podem auxiliar na implementação de uma metodologia libertadora e buscar, coletivamente, realizar movimentos de libertação. Porém há, na denúncia freireana, indivíduos que apenas se movem no sentido de tornarem-se novos opressores. Por exemplo, "querem a reforma agrária, não para libertar-se, mas para passar a ter terra e, com esta, tornar-se proprietários ou, mais precisamente, patrões de novos empregados" (Freire, 2022, p. 45); querem títulos acadêmicos, não para acessar as possibilidades de promoção humana e defesa da vida, mas para exercer poder a apropriar-se de espaços e situações de controle e benefícios próprios, individuais.

Pensando na libertação dos/as oprimidos/as, dialogamos com Freire que compara esse processo ao parto. É dessa maneira que nasce uma nova pessoa, que pode ser superada a dicotomia entre oprimido/a e opressor/a e se desenlaça a luta pela libertação de todos/todas. Para que a relação entre professor/professora e aluno/aluna passe a ser horizontal, é imprescindível respeitar a leitura/concepção de mundo que os alunos/alunas trazem consigo, buscar compreender as suas curiosidades como impulsão inicial para construir o conhecimento, pois, "o educador, que aliena a ignorância, se mantém em posições fixas, invariáveis. Será sempre o que sabe, enquanto os educandos serão sempre os que não sabem. A rigidez destas posições nega a educação e o conhecimento como processos de busca" (Freire, 2022, p. 81) e desautoriza a construção de vida sabedoria visto que, neste ponto, saber é conhecimento e ciência dos contextos, das realidades e esforço contínuo em melhorar a vida, a existência. Respeitar as leituras que são apresentadas é assumir uma postura de humildade crítica. Desrespeitar as leituras de mundo é não ouvir o aluno/aluna, fazer o mero repasse/compartilhamento de conhecimentos científicos já estabelecidos. Constituir o saber da importância do meio/entorno econômico, ecológico, social e cultural, inicia na formação dos professores/professoras, para que possam estar abertos a conhecer as realidades suas e de seus alunos/alunas. Manter a postura ético-política ajudando-os/as a compreender e superar as injustiças, sem estagnar perante elas.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 24, n. 3, p. 17-35, set./dez. 2023.
Recebido em: 02/07/2023 | Aceito em: 10/10/2023

Saber-se e assumir-se inconcluso/a prepara o aluno/aluna para a vida fora da escola, "o mundo encurta, o tempo se dilui: o ontem vira agora; o amanhã já está feito. Tudo muito rápido" (Freire, 2021, p. 136). É nesse movimento de incerteza, rapidez que os alunos/alunas se deparam com a busca pela sua felicidade, dentro e fora do ambiente escolar. Mas, a alegria não está no final de uma caminhada, está no processo. Por isso ensino e aprendizagem quando atrelados à alegrias e belezas da vida, permitem uma formação ampla e de qualidade. O trabalho dos professores/professoras é feito com *gente*, não com objetos, assim, "nós, seres humanos, não somos problemas ou equações, mas histórias; somos menos parecidos com as contas do que com os contos" (Savater, 2012, p. 130).

É nesse viés que é apresentada a importância do desenvolvimento da autonomia, do senso crítico, da humildade, da generosidade, do formar "*gente mais gente"* (Freire, 2021, p. 143, destaque nosso). Essa educação emancipatória, para a liberdade, prepara os alunos/as alunas, para a vida, pois "cada escolha livre determina decisivamente a orientação de nossas escolhas futuras, e isso não é argumento contra a liberdade, mas motivo para leva-la a sério e ser responsável" (Savater, 2012, p. 80). Ainda de acordo com Savater, a educação pode ser comparada a uma obra de arte coletiva, que cria formas diferentes para os seres humanos, ao invés de simplesmente ser escrita em um papel, ou esculpida em um mármore.

A educação, a vida, os indivíduos, são dinâmicos, em um movimento constante de construir-se e reconstruir-se, com aprendizados contínuos, em todos os lugares, pois "[...] a educação é tarefa de sujeitos e sua meta é formar também sujeitos, não objetos nem mecanismos de precisão [...]" (Savater, 2012, p. 136). Como o viver é algo dinâmico, acontece constantemente, envolve todas as dimensões da vida humana, inclui o meio social em que os indivíduos vivem, surge a importância de pensar a educação direcionada à sustentabilidade, além da "responsabilidade social, da ética nas relações, da justiça social, da proteção do meio ambiente, da produção e do tratamento do lixo, da qualidade de vida dos sujeitos, do tempo de trabalho e do tempo de lazer, da preservação da saúde e da autonomia dos sujeitos para a tomada de decisões" (Bernardi; Cecco, 2021, p. 46).

CONSIDERAÇÕES QUE NÃO ENCERRAM AS QUESTÕES E MANTÉM A HISTORICIDADE DO DEBATE

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 24, n. 3, p. 17-35, set./dez. 2023.
Recebido em: 02/07/2023 | Aceito em: 10/10/2023

Aprender pela experiência ou exemplos daqueles e daquelas que já possuem algum conhecimento, perpassa o desenvolvimento da sociedade, desde os seus primórdios. Os conhecimentos do "senso comum", compreendido aqui como tudo o que pode ser aprendido e ensinado pelo conhecimento de vida dos mais experientes, repassado na maioria das vezes de modo oral ou prático para aqueles/as considerados/as inexperientes. Esses conhecimentos são limitados, geralmente relacionados à forma de viver, passado de geração em geração, onde pais e as mães ensinam a seus filhos e suas filhas a sua profissão, mas não podem ensinar outras profissões e ciências mais complexas. Surge a importância da escola, com os conhecimentos científicos, as possibilidades de aprender, abrir as possibilidades de crescimento pessoal e profissional e a possibilidade de sonhar. Mas, sonhar o que? Sonhar os mais diferentes e diversificados sonhos, viver a vida em sua plenitude, de acordo com aquilo que cada um/uma almeja.

Encontramos em Rubem Alves (2004, p. 29) a sintetização desse conceito, com escolas que sejam asas para seus alunos/suas alunas:

> Há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas. Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do voo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, o seu dono pode levá-los para onde quiser. Pássaros engaiolados sempre têm um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o voo. Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são pássaros em voo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o voo, isso elas não podem fazer, porque o voo já nasce dentro dos pássaros. O voo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado.

A curiosidade é o que norteia os aprendizados. Um professor/Uma professora sem curiosidade não consegue aprender nem ensinar. Além disso, ao mantê-la domesticada, realiza a memorização mecânica das informações. Para evitar essa domesticação, um caminho interessante é estimular constantemente a reflexão, a pergunta, a análise, o diálogo e, sobretudo, as ações pedagógico-educativas realizadas no ambiente escolar no qual ainda impera uma maior formalidade e sistematicidade; mas lembrando que o mundo, o cotidiano, também apresentam lições permanentes. Ao compreender que as relações estabelecidas entre todos/as são baseadas no diálogo, os indivíduos se assumem curiosos/as e buscam juntos/as respostas para a construção da aprendizagem.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 24, n. 3, p. 17-35, set./dez. 2023.
Recebido em: 02/07/2023 | Aceito em: 10/10/2023

Neste ato é interessante trazer os/as alunos/as para o desafio de participar, pensar, dialogar, interpretar e refletir. Com abordagens dinâmicas e diferenciadas, a imaginação, emoções, intuição, comparabilidade, são chamados/as a participar de toda a construção do aprendizado. Assim, acontece a liberdade e a autonomia para os alunos/as alunas, para que se sintam integrantes, participantes e valorizados/as. Para atingir a formação crítica e reflexiva dos/as alunos/alunas, o professor/a professora também adota uma postura de estudante, com formação contínua e esforço de reflexão permanente.

Ao considerar a educação como ferramenta para analisar e compreender a realidade social e nela intervir, também se manifesta como possibilidade a reprodução da ideologia dominante ou desmascará-la para ser superada. Para quem domina, violenta, não cuida, a educação é vista como a ferramenta utilizada para controle, para imobilizar e ocultar as verdades. Uma educação humanista, científica, emancipatória, pode contribuir com o movimento de busca, de conquista, de construção de uma vida com sabedoria, com solidariedade. Esse debate convida todos e todas para continua-lo, é imprescindível mantê-lo presente em diferentes estudos direcionados a educação, para que possamos buscar qualificá-la constantemente.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **Gaiolas ou asas.** A arte do voo ou a busca da alegria de aprender. Porto: Edições Asa, 2004.

ARROYO, Miguel G. **Outros Sujeitos, Outras Pedagogias.** 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

BERNARDI, Lucí T. M. Santos; CECCO, Bruna Larissa. Educação financeira e projetos de vida: tecendo formas para o *ser* humano sobreviver e transcender. *In*: MOLL, Jaqueline; BERNARDI, Luci. **Cidades educadoras:** Novos olhares para o desenvolvimento humano na escola e para além dela – aportes reflexivos do XI SINCOL. Frederico Westphalen: URI, 2021. P.34-53.

D'AMBROSIO, Ubiratan. Paz, educação matemática e etnomatemática. **Teoria e Prática da Educação**, Maringá, v. 4, n. 8, p. 15-33, jun. 2001.

FABRIS *et al.*, Elí T. Henn. A universidade e a escola na constituição de um *ethos* afirmativo democrático para uma cidade aberta. *In*: MOLL, Jaqueline; BERNARDI, Luci. **Cidades educadoras:** Novos olhares para o desenvolvimento humano na escola e para além dela – aportes reflexivos do XI SINCOL. Frederico Westphalen: URI, 2021. P.54-73.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 24, n. 3, p. 17-35, set./dez. 2023.	
Recebido em: 02/07/2023	Aceito em: 10/10/2023

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 71.ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 81. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2022.

MORIN, Edgar. **Ensinar a viver:** manifesto para mudar a educação. Porto Alegre: Sulina, 2015.

RIGO, Neusete Machado; LUFT, Hedi Maria; WEYH, Cênio Back. Práticas que potencializam anúncios pedagógicos de humanização. *In*: MOLL, Jaqueline; BERNARDI, Luci. **Cidades educadoras:** Novos olhares para o desenvolvimento humano na escola e para além dela – aportes reflexivos do XI SINCOL. Frederico Westphalen: URI, 2021. p. 16-33.

SAVATER, Fernando. **O valor de educar.** 2 ed. São Paulo: Planeta, 2012.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 24, n. 3, p. 17-35, set./dez. 2023.
Recebido em: 02/07/2023 | Aceito em: 10/10/2023